

**O CONTEXTO DE PRODUÇÃO DO CADERNO FOLHA CIDADES DA FOLHA DE LONDRINA<sup>1</sup>****THE PRODUCTION CONTEXT OF THE CADERNO FOLHA CIDADES FROM FOLHA DE LONDRINA**

Eliana Merlin Deganutti de Barros (UENP/CCP)<sup>2</sup>  
Gabriela Martins Mafra (UENP/CCP)<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este trabalho é fruto de resultados obtidos no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Gêneros da mídia jornalística como objetos de transposição didática externa”, desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CCP). Tem como eixo de estudo os gêneros do jornal e sua utilização como objeto do letramento escolar. Para esse trabalho seguimos teoricamente os estudos desenvolvidos pelo Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), o qual sistematiza categorias para a análise das práticas de linguagem materializadas em textos e nos dá respaldo epistemológico para o desenvolvimento da pesquisa. Metodologicamente, a investigação, na íntegra, conta com quatro etapas: 1) estudo bibliográfico da esfera jornalística e dos gêneros do jornal; 2) entrevista com a *Folha de Londrina*; 3) identificação dos gêneros que compõem o Caderno Folha Cidades (CFC); 4) descrição do CFC com base em categorias de análise do ISD. Para este artigo, o objetivo é apresentar uma análise contextual do CFC da *Folha de Londrina*, tomando como base os parâmetros do contexto de produção contemplados pelo ISD. Os resultados mostram a importância desse Caderno como objeto do letramento local, pois ele é voltado para temáticas da região de Londrina e serve como guia para a população local se informar dos eventos e acontecimentos de sua região. Almejamos expor um panorama contextual do CFC, a fim de fomentar estudos voltados à transposição didática de gêneros jornalísticos por um viés sociodiscursivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interacionismo Sociodiscursivo. Gêneros jornalísticos. Contexto de produção.

**ABSTRACT:** This research is the outcome of the results obtained in the development of the research Project “Genres in the journalistic media as objects of external didactic transposition”, developed in Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/CCP). It has as its study focus the journal genres and its usage as an object of school literacy. For this work

<sup>1</sup> Uma versão similar desse texto foi publicada nos anais digitais (CD-ROM) do II CONELEIN (Congresso em Estudos da Linguagem), UENP- CP.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras/Anglo pela Universidade Estadual de Londrina (2005), especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Unopar (2007) e mestrado (2008/bolsa CAPES) e doutorado (2012/bolsa CAPES) em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. É professora adjunta do curso de Letras/Anglo da Universidade Estadual Norte do Paraná (UENP/Cornélio Procópio).

<sup>3</sup> Aluna do 3º ano de Letras: Português/Inglês da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/ Campus Cornélio Procópio). Bolsista da Capes pelo PIBID no eixo: Língua Portuguesa.

we theoretically follow the studies developed by the Sociodiscursive Interactionism (SDI), which systematizes categories for the analysis of language practices materialized in texts and gives us epistemological feedback for the development of the research. Methodologically, the full study has four steps: 1) bibliographic study of the journalistic sphere and newspaper genres; 2) interview with *Folha de Londrina*; 3) identification of the genres that compose the Caderno Folha Cidades (CFC); 4) Description of the CFC based in a categories analysis of the SDI. The general objective is present a contextual analysis from the CFC of *Folha de Londrina* newspaper. This work aims to present contextual analysis from the CFC of *Folha de Londrina* newspaper, based on the parameters of the production context contemplated by ISD. The results show the importance of this Caderno as object of local literacy, because it is geared towards issues of the Londrina region and serves as a guide for the local population to inform themselves of events and happenings in the area. We aim to expose a contextual overview of the CFC in order to encourage research towards didactic transposition of journalistic genres by a sociodiscursive bias.

**KEYWORDS:** Sociodiscursive interactionism. Newspaper genres. Production context.

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste trabalho é analisar contextualmente o Caderno “Folha Cidades” (doravante CFC) do jornal *Folha de Londrina* a fim de que os gêneros pertencentes a esse Caderno possam ser objetos de transposição didática, numa etapa posterior do projeto de pesquisa *Gêneros da mídia jornalística como objetos de transposição didática externa*. Para a realização da análise contextual foi preciso compilar um *corpus* representativo do jornal em questão. Nesse sentido, selecionamos os meses de março, abril e maio de 2013, por serem exemplares recentes (em relação ao período inicial da pesquisa) e representarem um número significativo para a efetivação dos nossos objetivos.

Teoricamente orientamo-nos pelos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 2003; 2006; SCHNEUWLY; DOLZ; NOVERRAZ, 2004; DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010; BARROS, 2012; entre outros) que tem como foco o estudo da linguagem pelo viés interacionista, tendo como tese o fato de o desenvolvimento humano ser resultado das interações languageiras. Comungamos com as ideias dessa corrente, pois essa insere-se nos novos paradigmas do ensino da língua materna evidenciados nos documentos oficiais da educação – Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – BRASIL, 1998) e Diretrizes Curriculares de Ensino do Paraná (DCE – PARANÁ, 2008) –, os quais concebem o ensino da língua por meio de práticas discursivas.

Para estruturar este artigo e dar suporte à análise contextual do Caderno, trazemos, primeiramente, um direcionamento da concepção de texto adotada pela pesquisa, a qual parte do princípio de que o contexto de produção age coercitivamente no funcionamento discursivo dos textos. No tópico seguinte trazemos a corrente teórica interacionista sociodiscursiva (ISD) que tomamos como base epistemológica para nossa investigação. Na sequência, esboçamos a metodologia, a qual dá suporte para a realização da pesquisa. Por fim, analisamos, a partir de uma categoria de análise do ISD, o contexto de produção do CFC (*Folha de Londrina*).

## 2 A TEXTUALIDADE ENVOLTA POR SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

A língua só funciona em uso, ou seja, se concretiza a partir de suas várias produções verbais, as quais variam em cada contexto. Portanto, ela é mutável, dinâmica e só se realiza por meio de unidades verbais completas de sentidos, denominadas *textos*. Para o Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), corrente teórica que orienta nossas pesquisas, textos são entidades empíricas concretizadas verbalmente nas interações cotidianas. Dessa forma, considerando a língua de forma situada e passível de mudanças e variações, o ISD compreende que seu uso se configura de maneiras variadas em cada texto. “A noção de texto pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita” (BRONCKART, 2003, p. 71), ou seja, texto não se refere somente à concretização da língua pela escrita como normalmente visto pelo senso comum.

Todo enunciado/texto, na visão de Bakhtin (1997, p.280), é composto de três elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional –, os quais “fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”. Todavia, os textos não se resumem a esses três componentes, pois é preciso também levar em conta o entorno extralinguístico que age coercivamente na textualidade.

Já que o texto só se realiza em certa situacionalidade, é importante entender o que é *contexto de produção*, porque ele irá interferir em todos os aspectos da produção e compreensão textual. Nessa visão, no ato textual, é preciso considerar os sujeitos da interação e seus papéis discursivos, os objetivos da interação, o lugar e momento da produção, entre outros parâmetros contextuais.

Para Furlaneto (2007, p. 133, grifo nosso), as condições de produção:

[...] determinam as relações discursivas materializadas nas várias *práticas sociais* — que se concretizam, lingüisticamente, através de gêneros. São as relações discursivas que estabelecem o modo como os fenômenos são olhados, interpretados e julgados [...].

Enfim, todo texto pressupõe uma determinada situação de produção. Quanto às práticas sociais, essas são ações que realizamos socialmente como: ir ao mercado; ir à escola; alugar uma casa; participar de um concurso, entre outras. Essas práticas sociais estão sempre perpassadas pela linguagem, que, por sua vez, necessita de um gênero textual<sup>4</sup> para se concretizar empiricamente.

Koch (1997) defende que a produção textual é realizada por meio da atividade verbal, num processo de interação entre o texto, o autor e leitor. Dessa forma, compreendemos que ela não acontece sem que se pense em todos os aspectos situacionais envolvidos, pois sempre precisamos satisfazer os propósitos da comunicação.

Um dos principais parâmetros contextuais é o destinatário. Temos um “outro” a quem nos dirigimos verbalmente, o qual é essencial na decisão de toda a elaboração do texto, pois dele prevemos “respostas” que, de certa forma, influenciam a nossa textualidade. Bakhtin (1997, p. 290) trata desse tema a partir do conceito de *responsividade ativa*.

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso [...].

Nessa perspectiva, o ouvinte se torna sujeito da interação ao produzir uma “resposta” ao enunciado. Entretanto, essa resposta nem sempre é externalizada. Ela pode ser “silenciosa”, ou seja, o ouvinte pode concordar, discordar, questionar, não se posicionar frente a uma proposição, mesmo ele não transformando esse ato responsivo em linguagem – oral ou escrita. Porém, mesmo assim, esse ato cognitivo é tido como uma “resposta” ao enunciado. A responsividade pode também ser expressa verbalmente em outro momento, não no ato da produção de linguagem. Por exemplo, a resposta à aula de um professor pode ser externalizada, explicitamente, numa avaliação formal, feita em outro momento. Portanto, qualquer interação verbal pressupõe a responsividade ativa, de que fala Bakhtin (1997).

---

<sup>4</sup> Optou-se, neste texto, por usar a expressão “gênero textual” (usada pelo ISD), porém tomando-a como equivalente a “gênero discursivo”.



Segundo Menegassi (2009, p.157), "a atitude responsiva está ligada à percepção e compreensão do significado do enunciado por parte daquele a quem a palavra é dirigida". Dessa forma, a resposta ao enunciado depende sempre da compreensão do sujeito.

A partir desse conceito trabalhado pelo pesquisador soviético, podemos também pensar em duas formas de resposta: 1) uma que dirige-se diretamente a uma pessoa específica; 2) outra que dirige-se à coletividade. Por exemplo, em uma conversa face a face entre duas pessoas, a resposta de um é concedida diretamente ao outro, seja ela gestual, oral ou escrita. Em outra situação (outro contexto de produção), um sujeito, por exemplo, lendo um jornal, tem a necessidade de escrever uma carta-resposta a uma determinada matéria jornalística. Essa carta, produzida por ele, comumente, estará na coluna "carta do leitor"<sup>5</sup>. Embora ela seja direcionada a uma pessoa específica (autor da matéria), será publicada e se dirigirá a uma coletividade – os leitores do jornal. Portanto, a responsividade é sempre ativa, como ressalta Bakhtin (1997), podendo ela ser representada por um único indivíduo ou por uma coletividade.

Na perspectiva conceitual vista neste tópico, a língua é fruto de interações verbais interpessoais. Nesse sentido, é impossível tomá-la de forma desassociada de seu contexto de produção e de seus artefatos sociossemióticos, a saber, os gêneros textuais. Essa visão norteia os trabalhos do ISD, corrente teórica que dá suporte a esta pesquisa, e que apresentamos a seguir.

### 3 INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO (ISD): O ENFOQUE NO CONTEXTO DE PRODUÇÃO TEXTUAL

O ISD é uma *corrente da ciência do humano*, que tem como papel centralizador o social, foca questões discursivas, pois acredita que é por meio das atividades languageiras que se compreende o desenvolvimento humano (BRONCKART, 2006). Para o ISD, a linguagem refrata e reflete o social, pois as produções textuais tanto são o espelho da sociedade, nas suas múltiplas facetas, como absorvem seus valores, princípios, crenças, conhecimentos acumulados, etc. Bronckart (2003) constrói seu modelo de análise, a partir de duas grandes categorias: o *contexto de produção* textual e a *arquitetura interna dos textos*. Nesse artigo, devido a sua extensão textual, a opção foi por focar o contexto de produção, uma vez que a

---

<sup>5</sup> Coluna (suporte onde o texto está); carta do leitor (gênero textual).

arquitetura interna já foi contemplada em Barros e Mafra (2015). Para o pesquisador, no estudo de um gênero é preciso primeiramente situá-lo em seu contexto de produção. Esse, segundo o autor, se subdivide em contexto físico e sociossubjetivo, a partir dos quais os textos corporificados nos gêneros são produzidos. A seguir, um quadro com a proposta de Bronckart (2003).

**Quadro 1** – Parâmetros do contexto de produção para o ISD

<b>Quadro 1</b> – Os parâmetros do contexto de produção <b>Contexto físico:</b> coordenadas espaço-temporais em que se dá a ação de linguagem implicadas na produção de um texto	<b>Contexto sociossubjetivo:</b> normas, valores, regras sociais, etc., assim como a imagem que o agente faz de si e do destinatário ao agir – implicados no quadro de uma forma de interação comunicativa
O <b>lugar</b> físico de produção	O <b>lugar social</b> no qual o texto é produzido (escola, mídia, família, etc.)
O <b>momento</b> de produção	Os <b>objetivos</b> da interação
O <b>emissor:</b> pessoa que produz fisicamente o texto	A posição social do emissor: ou <b>enunciador</b>
O <b>receptor:</b> a(s) pessoa(s) que recebe(m) concretamente o texto	A posição social do receptor: ou <b>destinatário</b>

Fonte: Bronckart (2003 apud BARROS, 2012a, p. 56)

O contexto é importante tanto na produção como na leitura de um texto. Evidentemente, na leitura, nem sempre temos acesso a todos os elementos situacionais da produção. Porém, quanto mais informações contextuais o leitor tiver, mais sua leitura se aproximará do contexto real de produção e, assim, mais coerente a compreensão se tornará. No caso da produção do texto, conscientemente ou não, todo agente-produtor avalia os parâmetros físicos e sociossubjetivos envolvidos no seu ato de linguagem. Esses, com certeza, se refletem no seu texto, podendo ser recuperados, de alguma forma, pelo leitor por meio das marcas linguístico-discursivas deixadas na textualidade. No ato da leitura, o leitor não tem como recuperar precisamente essas informações contextuais, podendo apenas levantar hipóteses sobre elas para produzir sentidos para o texto lido.

Portanto, os gêneros só funcionam inseridos em um contexto específico de comunicação social. De acordo com Barros (2009), eles devem ser entendidos como (re)configurações das práticas de linguagem – “aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.51). Eles agem coercitivamente na

situacionalidade de produção, assim como são afetados pela especificidade de cada situação, incorporando, muitas vezes, estilos pessoais de autores, época, grupo social, etc. Outro elemento importante do contexto de produção, que não está presente na síntese teórica do ISD (Quadro 1), é o *conteúdo temático* (ou *referente*), o qual é definido como o “conjunto das informações que nele [texto] são explicitamente apresentadas, isto é, que são traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada” (BRONCKART, 2003, p. 97). A representação que o agente-produtor faz do referente é determinante na produção textual, independentemente do gênero a ser produzido.

Acreditamos também que a noção de *prática social* (sobre a qual já discorremos anteriormente) é importante para o quadro conceitual do contexto de produção, pois o conhecimento das formas de funcionamento de uma prática social possibilita ao sujeito agir com protagonismo em ações linguageiras que dela emergem. Entendemos que o sujeito, mesmo inconscientemente, sempre representa essa prática no seu ato textual.

Um outro aspecto a ser considerado é a *esfera social*, pois os gêneros textuais, com todas as suas singularidades, pertencem a diferentes *esferas da comunicação*, a saber: áreas afins que utilizam da linguagem, cada qual à sua maneira, com características próprias e com predominância de gêneros textuais específicos. Por exemplo, a esfera acadêmica mobiliza gêneros como resenha, resumo, fichamento, artigo de opinião; já na esfera jornalística encontramos a notícia, a reportagem, a crônica, o infográfico, o editorial, a carta do leitor, entre outros gêneros. Todos eles podem ser agrupados por uma força de concentração da esfera correspondente, a qual acaba influenciando nas características contextuais e linguístico-discursivas dos textos.

Essas esferas da comunicação elaboram, então, seus repertórios de gêneros, o que Bronckart (2006) denomina “arquitexto”. Podemos exemplificar comparando duas esferas – a jornalística e a publicitária. Um sujeito, a partir de um evento deflagrador<sup>6</sup> de uma determinada esfera, vai selecionar o gênero adequado àquela situação. Assim, se um colunista tem por objetivo externalizar sua opinião sobre uma questão polêmica, utilizando-se de argumentos variados, provavelmente vai recorrer ao gênero textual “artigo de opinião”. Já um publicitário que deseja divulgar seu produto com objetivo de promovê-lo, possivelmente recorrerá ao gênero textual “anúncio publicitário”. Portanto, cada esfera social contém uma gama de gêneros que são utilizados de acordo com a necessidade de cada produção textual, o que nos permite escolher o que melhor se encaixa numa determinada interação verbal.

---

<sup>6</sup> Evento deflagrador é uma situação empírica.

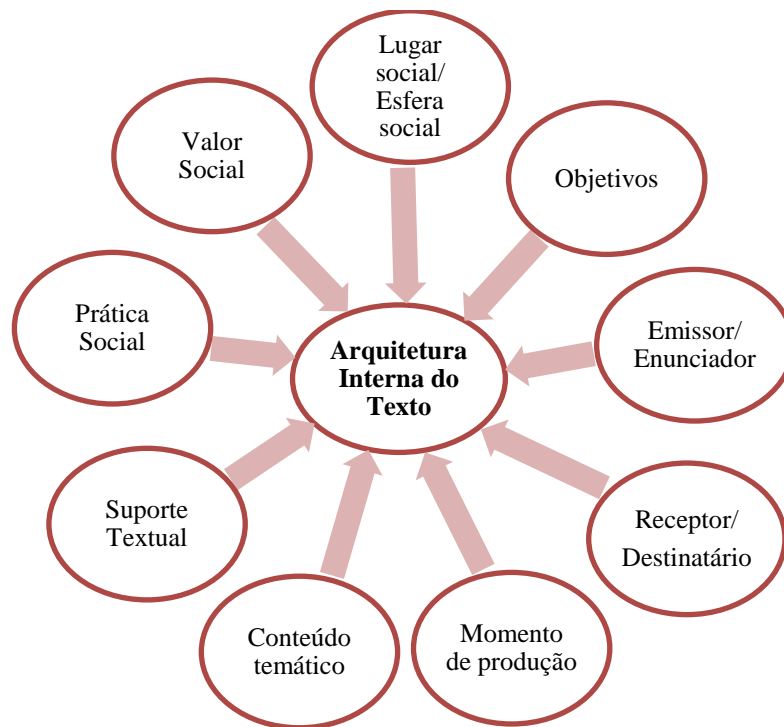


Outro fator influente na análise da situacionalidade discursiva é o *suporte*, o qual se configura como espaços físicos portadores dos gêneros textuais. Muitas vezes, é o suporte que determina o gênero, como exemplifica Marcuschi (2008), quando mostra que um mesmo enunciado pode ser considerado ora um bilhete ora um telegrama, dependendo do seu suporte.

Entendemos que o *valor social* desempenha um papel importante na compreensão do contexto de produção. Como exemplo podemos citar o cordel, um gênero que possui um grande valor social para os nordestinos, uma vez que representa a cultura desse povo, mas que não é valorizado da mesma forma em outras partes do país. Normalmente, em regiões sulistas, é visto como um estereótipo da cultura nordestina. Trazendo para a esfera jornalística, mesmo os gêneros estando no mesmo suporte (o jornal), eles possuem valores diferentes, pois a sociedade é quem privilegia determinado gênero em detrimento de outro, dependendo de suas necessidades comunicativas. Sabemos que os gêneros mais valorizados dentro do jornal são a notícia e a reportagem, considerados por Bonini (2003) como centrais. Consequentemente, esses gêneros, pela sua centralidade, costumam ser mais valorizados pelos leitores como protótipos de gêneros jornalísticos, o que não acontece, por exemplo, com gêneros como o horóscopo, considerado periférico (BONINI, 2003) em relação a sua funcionalidade dentro do jornal. Essa valoração sempre está impregnada na produção e recepção de um gênero, agindo como um ponto de interferência do contexto extralinguístico no ato textual.

Para ilustrar os elementos contextuais que interferem na arquitetura interna do texto, explorados anteriormente, sistematizamo-los na figura a seguir.



**Figura1** – Elementos contextuais que influenciam a textualidade

Evidentemente outros parâmetros podem ser colocados em discussão. Neste texto privilegiamos os apresentados pelo ISD, incorporando outros que achamos pertinentes para a análise do nosso objeto de pesquisa.

#### 4 DADOS DA PESQUISA

A motivação para este trabalho tem por base a participação no projeto de pesquisa “Gêneros da mídia jornalística como objetos de Transposição Didática externa”, desenvolvido na Universidade Estadual do Norte do Paraná. O que impulsionou a criação desse projeto foi o Programa Folha Cidadania, desenvolvido pela *Folha de Londrina*, o qual tem por objetivo combater o analfabetismo funcional, com foco no incentivo à leitura, atendendo escolas das redes pública e particular de ensino de Londrina e região. No jornal, esse programa tem dois espaços fixos na edição semanal de terça-feira: 1) o primeiro diz respeito a boxes com matérias jornalísticas selecionadas durante a semana, que tentam didatizar o conteúdo, com detalhamento de fatos, informações, nomenclaturas, etc.; esses boxes podem aparecer em todos os Cadernos do jornal (ver Figura 2 e 3); 2) uma página central no Caderno Folha 2 com

uma matéria sobre educação (geralmente são experiências de escolas parceiras do Folha Cidadania).

Figura 2 – Boxe da Folha Cidadania



Fonte: *Folha de Londrina*, 21 maio 2013. Caderno Folha Cidades, p. 3.

A seguir a reportagem que deu origem a esse boxe:

Figura 3 – Modelo de reportagem com um texto principal e vários textos complementares.

Essa reportagem originou a escrita do boxe da *Folha Cidadania* da semana seguinte.





*Folha de Londrina*, 16 maio. 2013. Caderno Folha Cidades, p. 3.

A escolha da *Folha de Londrina* como suporte da pesquisa se deve pelo fato de o jornal se mostrar interessado na didatização da leitura jornalística. Sabemos que essa tentativa por si só não supre os objetivos didáticos do ensino da leitura, porém, já é uma iniciativa que pode ser ampliada no contexto de letramento da sala de aula.

Na nossa pesquisa, consideramos os Cadernos da *Folha de Londrina* como *subsuportes*, uma vez que cada um possui um contexto de produção particular – por exemplo, geralmente, tem leitores específicos. Como já dissemos, o nosso objeto de estudo é um de seus subsuportes: o CFC. Dessa forma, a nossa análise não recai sobre um gênero, mas sobre o CFC. O *corpus* analisado é constituído pelos meses de Março, Abril e Maio de 2013, devido a nossa pesquisa de iniciação científica voluntária ter começado nessa época. Analisamos o Caderno de terça-feira a sábado, pois é nesse período que ele se encontra completo, devido aos outros dias ele aparecer como uma seção do Primeiro Caderno.

Para nossa investigação, também nos apoiamos em dados coletados em entrevista com a *Folha de Londrina* no dia 04 de novembro de 2013, entrevista essa concedida pelos jornalistas vinculados ao Programa Folha Cidadania.

## 5 O CADERNO FOLHA CIDADES (CFC): UMA ANÁLISE CONTEXTUAL

Propomos analisar o contexto de produção do Caderno, a fim de clarear os entrelaçamentos necessários para o seu funcionamento. Para análise dessa categoria, utilizamos questões formuladas por Barros (2012b, p.19) para guiar nosso olhar. Todavia fizemos uma adaptação devido a essas questões se referirem a textos/gêneros e estarmos analisando um Caderno do jornal (considerado, por nós, um subsuporte).

No CFC os *emissores*, produtores da “ação”, são os jornalistas que escrevem as matérias – que tanto podem ser da *Folha de Londrina* como externos. No caso das propagandas, são os “marqueteiros” que produzem os anúncios. Entretanto, cada Caderno tem uma editoria própria, ou seja, um editor que seleciona e edita as matérias, por isso, ele acaba sendo o emissor responsável. Portanto, o papel social desse emissor é de um editor jornalístico que está interessado em deixar seu leitor informado sobre os fatos cotidianos relacionados à sua região. Essa função que o editor assume como produtor do jornal é como uma máscara que colocamos para desenvolver diversos papéis na sociedade, como, por



exemplo, de: pai, mãe, dona de casa, cidadão, etc. Essa função Bronckart (2003) denomina de *enunciador*.

Os *receptores* do CFC são seus leitores. Já o papel social (ou *destinatários*) que ocupam são de leitores interessados nos assuntos mais próximos da sua região, por isso, presumimos que sejam adultos que possuam capacidade para ler e compreender os textos ali publicados. Além disso, provavelmente, são pessoas que, na sua grande maioria, vêm de uma classe social média-alta, mais letrada, as que, geralmente, têm o hábito de assinar jornais impressos ou aquelas que têm acesso ao jornal esporadicamente.

O CFC é produzido em Londrina-PR, assim, o que será contemplado em seus exemplares são acontecimentos, curiosidades, eventos, etc. dessa região. Dessa forma, o *lugar físico* de produção é Londrina/agência da *Folha de Londrina*. O *lugar social* que o jornal representa é de uma “instituição particular que promove a veiculação de informações”, no caso do CFC, com temas vinculados ao cotidiano da região de Londrina. Por outro lado, a *Folha de Londrina* é um veículo que se articula a vários *lugares sociais* (ver o quadro *Parâmetros do contexto de produção para o ISD*), como a família, a igreja, instituições públicas e privadas de diversas naturezas; o que mostra que esse jornal local promove um diálogo social muito grande.

O *momento sócio-histórico* nada mais é do que a época em que foi produzido o CFC, mas sob um enfoque social. No caso da nossa investigação, ele representa os meses de março, abril e maio de 2013, com suas influências políticas, econômicas, educacionais, etc. Houve alguns acontecimentos sociais nesses meses que geraram a veiculação, no CFC, de certos conteúdos temáticos em relação a: política, personalidades de Londrina e região, transporte, estradas, economia, educação, entre outros assuntos. Por exemplo, dos dias 4 a 14 de abril aconteceu a ExpoLondrina e durante esses dias o CFC exibiu reportagens relacionadas à exposição. Como podemos perceber nesses títulos “Uma ‘cidade’ no Parque Ney Braga” (9/04/13); “Aves exóticas chamam a atenção de visitantes” (6/04/13); “Um show de pastoreio na ExpoLondrina” (12/04/13).

Mas se formos analisar o CFC de uma forma geral, podemos dizer que o momento sócio-histórico será sempre representado pelo momento atual, pois é esse o parâmetro que norteia a produção jornalística. Mesmo quando estamos tratando de uma reportagem temática, que não se relaciona com um acontecimento recente, mas com assuntos de interesse do Caderno, também há o fator de atualidade, pois a temática tem que ser sempre contemporânea, ser relevante para o momento. Podemos exemplificar com a reportagem do

dia 16 de março de 2013 “Casos de autóctones de dengue aumentam 1.000%”. A essa reportagem central estão ligados outros textos complementares intitulados “Crianças participam de blitz educativa” e “‘Relaxamento’ teria causado multiplicação”. Percebe-se que a temática da dengue não é recente, porém esse dado da secretaria estadual de Saúde, casos de autóctones de dengue aumentam 1.000%, é um fator atual que atinge a população, por isso torna-se um tema relevante para o momento.

O *suporte*, ou seja, o local em que esses textos são disponibilizados é o jornal *Folha de Londrina*.. O Caderno analisado, considerado por nós um subsuporte, tem como *objetivo* servir de guia para a sociedade local se informar em relação a como está a sua cidade, o que aconteceu, está acontecendo ou vai acontecer (já que gêneros que são publicados no Caderno são destinados a informar acontecimentos futuros). Assim, a interação que se realiza na leitura dos textos desse CFC advém da *prática social* de lê-lo para buscar informações relacionadas à região. Desse modo, o CFC comporta as necessidades comunicativas da sociedade londrinense e da sua região. Exemplificado, esse Caderno veicula informações sobre os feriados, eventos, datas comemorativas, coletas de sangue, etc.; como podemos perceber nesses títulos: “Feira do Peixe Vivo começa amanhã”; “O que abre e fecha no feriado da paixão de cristo”; “Alunos aprendem o sentido da Páscoa”, “ExpoLondrina 2013. De 4 a 14 de abril, a melhor do Brasil” (*Folha de Londrina*, março de 2013).

Quanto às *esferas* envolvidas podemos diferenciar em: 1) a de produção; 2) a e de circulação. A jornalística é, por excelência, a esfera de produção que mais influência projeta na textualidade do Caderno. Entretanto, temos mais duas envolvidas: a policial e a do cotidiano. A primeira pode ser percebida pelo foco das reportagens, as quais, quase sempre, mostram os acontecimentos policiais (roubo, assassinato, homicídio). Essas reportagens, mesmo sendo do mundo jornalístico, recebem influências discursivas da esfera policial – termos próprios usados pelos sujeitos envolvidos. Isso é possível ilustrar pelos seguintes trechos, retirados da reportagem “Estado condenado por morte de paciente que fugiu do HZN”, do dia 04 de abril de 2013: “condenado a indenizar”; “o caso remete uma ação civil pública”; “enterrado como indigente”; “ação judicial”. Já a esfera do cotidiano se justifica pelo fato de o CFC comportar os eventos do Paraná, o que acaba dando um ar mais informal à textualidade jornalística. Os textos veiculados pelo gênero “roteiro” (coluna “Agende-se”) são um exemplo: “Feira da Nata”; “Oficina de música infantil”; “Mulher empreendedora” (16/03/13). A esfera de circulação é onde são veiculados os textos. Nesse caso, podemos dizer



que isso ocorre, sobretudo, na esfera do cotidiano, pois é nela que os textos circulam diariamente.

Tendo por base a nossa investigação, podemos refletir sobre o *valor social* atribuído ao CFC. Segundo entrevista feita com a *Folha de Londrina*, o CFC é tido como a “parte sangrenta do jornal”. Esse Caderno possui um grande valor interno/local, se pensarmos que ele é escrito totalmente pela *Folha de Londrina* – não como outros que utilizam informações externas. Além disso, ele retrata a vida dessa população e auxilia em suas atividades. Se pensarmos no jornal de forma geral, temos que levar em conta a questão de sua grande circulação. Assim, talvez o valor dado a uma reportagem especificamente da cidade de Londrina não tenha o mesmo valor social para um morador de Cornélio Procópio, por exemplo. Sobre esse enfoque também podemos pensar na questão da linguagem veiculada pelo jornal, já que é consenso que os jornais estão se tornando um parâmetro para o “bom português” ( FÁRIA; ZANCHETA JR, 2007). Sobre isso, a entrevistada da *Folha de Londrina* nos informou que, infelizmente, o jornal não tem mais revisor de texto, ou seja, que cada um deve se responsabilizar por aquilo que produz. Ela relatou que há muitos casos de reclamação sobre problemas relacionados com a escrita e que, na medida do possível, eles procuram se retratar nas edições posteriores. O que podemos interpretar desses fatos é que mesmo a escrita jornalística sendo, na atualidade, um dos parâmetros norteadores da norma culta, ela não assume concretamente esse papel, pois cada dia mais sua linguagem está fugindo dos padrões normativos mais tradicionais. Isso não é, necessariamente, um problema, mas uma evidência da contemporaneidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros veiculados pela esfera jornalística, nessa nova perspectiva de ensino sugerida pelos documentos oficiais (PCN – BRASIL, 1998; DCE – PARANÁ, 2008), tornam-se foco do ensino por circularem nas práticas sócias. A análise do contexto de produção do CFC da *Folha de Londrina* se justifica por essa poder ser uma ferramenta para a elaboração de materiais didáticos que se centram nos gêneros jornalísticos. Por isso, nosso estudo afeta, principalmente, a região atendida pela *Folha de Londrina*, pois esse foi o jornal analisado. Todavia, não podemos nos deter apenas nesse suporte, uma vez que nossa pesquisa ultrapassa



as barreiras regionais, ao discutir, a relevância do contexto de produção na elaboração e compreensão (leitura e escrita) de gêneros textuais.

Esta pesquisa parte de um viés sociodiscursivo, pois nele esboçamos os principais aspectos contextuais do Caderno, a partir da descrição do contexto de produção, a fim de que esse torne-se objeto de ensino da língua. Sendo assim, a relevância do trabalho se dá em decorrência de esse estimular as pesquisas voltadas para a transposição didática dos gêneros jornalísticos.

Almejamos dar suporte à realização do projeto de pesquisa ao qual este trabalho se vincula, contribuindo para o processo de transposição didática externa dos gêneros que circulam na *Folha de Londrina*, com ênfase nos veiculados pelo Caderno Folha Cidades.

A análise do contexto de produção do jornal é uma ferramenta importante no processo de transposição didática de seus gêneros, pois o aluno, para assumir o papel de jornalista/colunista no ambiente didático precisa se posicionar enunciativamente, representando os parâmetros contextuais, para elaborar o seu texto. Como essa transposição de contexto (do escolar para o jornalístico, mas sem desconsiderar o escolar) influencia a produção do texto? Esse questionamento é de suma importância para as pesquisas que se centram na didatização dos gêneros e, com certeza, ele pode impulsionar diversas investigações no âmbito da transposição didática.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_ *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. *Gestos de ensinar e de aprender gêneros textuais: a sequência didática como instrumento de mediação*. 2012. 359 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012a.

\_\_\_\_\_. O Gênero textual como articulador entre o ensino da Língua e a Cultura Midiática. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes (Org.). *Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino*. 1. Ed. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 113-150.

\_\_\_\_\_. Transposição didática externa: a modelização do gênero na pesquisa colaborativa. *Raído*, Dourados, v. 6, n. 11, p.11-35, jan./jun./ 2012b.



BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; MAFRA, Gabriela Martins. Modelo teórico do caderno “Folha Cidades” da *Folha de Londrina*: ferramenta de transposição didática. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 4, n. 7, jul./dez. 2015 (no prelo).

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil?. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. 1, p. 205-231, jul./dez. 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa* (ensino de primeira a quarta série). Brasília/ DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.

DECÂNDIO, Fabrício; DOLZ, Joaquim, GAGNON, Roxane. *Produção escrita e dificuldades de aprendizagem*. Campinas: Mercado Letras, 2010.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e escrito: apresentação de um procedimento*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.p. 95 -128.

FARIA, Maria Alice; ZANCHETTA JR, Juvenal. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2007.

FONTANA, Niuria Maria; PAVIANI, Neires Maria S.; PRESSANTO, Isabel Maria P. *Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

FURLANETTO, Maria Marta. Práticas Discursivas: desafio no ensino de Língua Portuguesa. In: CORREA, Djane Antonucci; SALEH, Pascolina Bailon de Oliveira (Org.). *Práticas de letramento no Ensino: leitura, escrita e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007. p.133.

GAFFURI, Pricila; MENEGASSI, Renilson José. Responsividade na revisão e reescrita: a quebra dos elos no diálogo escrito. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 1., 2010, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2010, p. 1-12.

KOCH, Ingedore. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PARANÁ, Secretaria da Educação. *Diretrizes Curriculares de Ensino do Paraná*. Paraná: Governo do Paraná, 2008.

Data de recebimento: 21/12/2014

Data de aprovação: 31/05/2016